

A Extensão Universitária e o Desafio do Diálogo de Saberes

Autora: Nara Grivot Cabral¹

Introdução

A ideia de uma universidade que esteja aberta às transformações de seu tempo, para que possa redefinir os seus rumos e os seus processos de produção, organização e socialização do conhecimento, não é uma ideia nova no debate sobre a universidade. O que parece crescer em sentido e importância nestas últimas décadas tem sido a forma como a universidade se coloca na relação com a sociedade para percorrer estes novos caminhos e para encontrar as alternativas que lhe permitam enfrentar as novas contradições e tensões postas pela sociedade atual.

A universidade, como instituição social que é, tem incorporado, ao longo do tempo e em diferentes contextos, funções diversas. Por um lado, a ideia perene de ser uma, porque vinculada à concepção da unidade do conhecimento, cada vez mais vem cedendo lugar à multiplicidade de funções. Por outro lado, o contexto utilitarista e produtivista da sociedade capitalista tem induzido a universidade a ampliar as suas funções, para além do ensino e da pesquisa, demandando muito mais do que a produção de cultura e dos saberes necessários à formação das elites, que marcaram a sua origem na Europa, durante a Idade Média, no século XII. Neste contexto, a busca por um outro modelo de produção e sistematização do conhecimento, inaugurado com a advento da sociedade moderna, passa a ser chamado de conhecimento universitário, acadêmico ou científico, como é conhecido até os dias atuais.

Em tempos de mudanças, Santos (2001, 2004) nos oferece um referencial teórico importante que nos ajuda a entender as contradições e múltiplas funções que a universidade vem assumindo ao longo de sua história, com reflexões críticas e propositivas sobre a realidade pragmatista, tecnicista e excludente, muitas vezes presentes nas atividades acadêmicas, fruto das constantes crises e desafios que têm se agravado desde o final do século XX.

Questionando a universidade como um espaço de excelência na construção, produção e socialização do conhecimento, que se concretiza através das atividades de ensino, pesquisa e extensão, este estudo tem a pretensão de apontar algumas pistas para uma compreensão mais ampla da relação da universidade com a sociedade a partir do estudo de caso da extensão universitária, na perspectiva do encontro de saberes. Na compreensão das concepções e práticas de extensão universitária utilizo

¹ Psicóloga, Professora da Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS, Doutoranda em Educação pela UFRGS, Bolsista Capes (Proc. nº 5399/10-6) em estágio de doutoramento sanduiche no Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra/Portugal.

três procedimentos teórico-metodológicos (SANTOS, 2002; 2007): a Sociologia das Ausências, a Sociologia das Emergências e a Ecologia dos Saberes.

Das concepções às práticas de extensão universitária: tensões e contradições

A ideia da universidade ser una a partir de seus três objetivos perenes tem sido associada às características e a constituição da própria universidade, com origem nas universidades europeias, com o idealismo da universidade de Humboldt, na Alemanha, e o positivismo da universidade napoleônica, na França. Entretanto, se a universidade de Humboldt nasce com o ideal de tornar-se um “centro de pesquisa”, preparando o homem para descobrir e ensinar a ciência, é na França do século XIX que a universidade napoleônica, como era chamada, adquire um caráter de “formação profissional”, com fins pragmáticos e utilitaristas, estruturando-se de forma fragmentada e com objetivos práticos, ao buscar o ensino profissionalizante (FARIA, 2001; SANTOS, 2001; SILVA, 2003).

Na longa história da universidade, a noção de perenidade de objetivos somente começa a ser abalada a partir da década de 1960, diante das pressões e transformações da sociedade moderna (SANTOS, 2001). O impacto causado pelo desenvolvimento da ciência moderna, por exemplo, passa a ser perceptível na ampliação das demandas por produção material e tecnológica e, principalmente, na maior necessidade de prestação de serviços da universidade à sociedade, colocando novas exigências para a universidade (TEIXEIRA, 1969). Assim, as solicitações são cada vez mais intensas, por parte da sociedade e por parte do Estado, e pressionam a universidade a rever as suas funções, ou seja, a repensar as suas “atividades de ensino, pesquisa e extensão”.

Segundo Santos (2001, 2004), a universidade precisa encontrar um outro rumo, que dê sentido à reorganização dos seus processos de ensino, pesquisa e extensão, para que seja possível manter-se como o “lugar de encontro de saberes e de aplicação edificante da ciência”. A ideia defendida pelo autor é que a universidade precisa partir da constatação da perda de sua hegemonia, reconhecendo a diversidade de saberes, para, a partir daí, concentrar-se na questão da sua legitimidade, como um lugar de produção e de diálogo com saberes diversos. É neste contexto que as atividades de extensão universitária crescem em sentido e importância, tornando-se um espaço profícuo para o encaminhamento do debate sobre a legitimidade da universidade. Porém, a pluralidade de concepções e a diversidade de práticas extensionistas têm sinalizado para novas tensões e

contradições na relação da universidade com a sociedade que impactam na ideia de ampliação e valorização das experiências, realidades e saberes existentes na sociedade.

Na pluralidade de concepções e práticas da extensão universitária, ao mesmo tempo em que tem se superado a visão assistencialista, crescem as atividades que promovem a “transferência do conhecimento tecnológico” e o “diálogo entre saberes diversos”. São diferentes perspectivas de atuação da universidade na sociedade que impactam na produção e a socialização do conhecimento acadêmico ou científico, expressando modelos distintos de desenvolvimento de sociedade, em sua dimensão política, social e econômica. Frente a esta diversidade, faz-se necessário um amplo e profundo debate *da* universidade e *na* universidade, a fim de capturar as tensões e contradições deste processo que estamos vivendo, para melhor compreender a sua complexidade.

Os estudos de perspectiva pós-colonial², por exemplo, têm evidenciado as contradições do poder presentes no campo do saber, que muitas vezes invisibilizam certas experiências e realidades, que tornam-se cada vez mais intensas das margens para as periferias, como afirma Santos (2009, p. 340):

O fim do colonialismo político não terminou com o colonialismo enquanto relação social, mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória. A perspectiva pós-colonial parte da ideia de que, a partir das margens ou das periferias, as estruturas de poder e de saber são mais invisíveis.

Na perspectiva pós-colonial, a questão da universidade pública e do desenvolvimento das ciências sociais e humanas tem sido abordada por Menezes (2005) e Cruz e Silva (2005), evidenciando a existência de “diferentes processos de descolonização” na África, assim como tem sido apontada por Edgardo Lander e Aníbal Quijano, entre outros³, com os “estudos eurocêtricos” na América Latina.

A partir do exposto, me proponho aqui apontar algumas pistas para uma compreensão mais ampla da relação da universidade com a sociedade a partir do estudo da extensão universitária, dando ênfase a perspectiva do encontro de saberes, usando para isso três procedimentos teórico-metodológicos propostos por Santos

² O pós-colonialismo é um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte raiz nos estudos culturais, e que chega às ciências sociais tendo em comum a primazia teórica e política das relações desiguais entre o Norte e o Sul (SANTOS, 2009).

³ Outros intelectuais críticos da América Latina como José Martí, José Carlos Mariátegui e, mais recentemente, Enrique Dussel, Arturo Escobar, Michel-Rolph Trouillot, Walter Dignolo, Fernando Coronil e Carlos Lenkersdorf, têm contribuído com os estudos eurocêtricos e pós-coloniais.

(2002; 2007): a Sociologia das Ausências, a Sociologia das Emergências e a Ecologia dos saberes.

Extensão Universitária e o Desafio do Diálogo de Saberes

A crítica ao modelo de racionalidade ocidental feita por Santos (2002) se fundamenta em três procedimentos sociológicos: a Sociologia das Ausências, a Sociologia das Emergências e o Método da Tradução. Ao invés de uma teoria geral, o autor propõe uma teoria como um processo de tradução que venha permitir a “criação de inteligibilidades recíprocas” entre aquelas experiências possíveis e disponíveis no mundo.

A lógica teórico-metodológica proposta por Santos nos oferece uma interessante abordagem na compreensão da extensão universitária. A sociologia das ausências e a sociologia das emergências propõem um movimento oposto à racionalidade ocidental dominante, chamado por Santos (2006b) de “razão indolente”, ao combater o pensamento único e exclusivo. A racionalidade dominante ou indolente é aquela que tem vindo a produzir o desperdício de experiências, realidades e saberes, ao contrair e diminuir o momento presente (“razão metonímica”), suprimindo, com isso, certas experiências e saberes que lhe são específicos. Simultaneamente a este processo de supressão do presente, a razão indolente tem afirmado um conhecimento do futuro, como progresso (“razão proléptica”), que tem levado a expansão do futuro e a produção de um conhecimento sobre ele por antecipação, por ser um conhecimento afirmado antes dele ser vivido ou experienciado.

Para o autor, a produção das ausências tem se expressado, entre outras formas, pela “monocultura do saber”, ao afirmar a existência de um único saber verdadeiro, o saber científico, e considerar os outros saberes sem a mesma validade e rigor do conhecimento científico. Com a ideia da sociologia das ausências, Santos propõe a substituição da monocultura do saber por uma “ecologia dos saberes”⁴, em que o saber científico possa dialogar mais amplamente com o saber laico, o saber popular, o saber das populações afastadas dos centros de produção hegemônica de um saber hegemônico, entre outros (SANTOS, 2006a, 2006b). Este procedimento considera relevante o não desperdício das experiências e realidades deixadas de fora pela lógica dominante ou hegemônica ao afirmar que há uma existência de saberes

⁴ Para Boaventura de Sousa Santos, a perspectiva etimológica designada por ele como ecologia dos saberes, inicialmente apresentada no livro “Um Discurso sobre as Ciências”, em 1988, teve uma enorme expansão nos últimos vinte anos. Para o autor, a ecologia dos saberes refere-se a um conjunto de epistemologias, ou seja, desde a pluralidade interna das práticas científicas até a pluralidade externa encontrada na diferenciação entre saberes científicos e não-científicos (SANTOS, 2006a).

ausentes, que vem sendo produzida como inexistentes ou invisíveis. Ou seja, a busca da ausência parte do princípio de que o que não existe foi ativamente produzido como não existente. Nesta lógica, com a sociologia das emergências, o autor busca as possibilidades que estão sendo construídas nas experiências e saberes emergentes, entendendo-as como sinais do futuro, ou seja, do que ainda não é, mas que virá a ser. As experiências e saberes emergentes trariam as sementes do que poderá surgir mais adiante como uma alternativa ao momento presente, sinalizando uma mudança em curso, a exemplo da ação do movimento social, das iniciativas coletivas e solidárias, por elas anunciarem formas alternativas de pensar, viver, sentir e conhecer.

Portanto, a sociologia das ausências e a sociologia das emergências usam as respectivas estratégias de “expandir o presente” e “contrair o futuro” para incluir mais experiências no agora e poder melhor cuidá-las no futuro. O combate ao desperdício das experiências e das realidades deixadas de fora do pensamento e do conhecimento dominante apresenta-se como estratégia para o “diálogo entre saberes diversos”. Essa alternativa de redução das invisibilidades é um procedimento “epistemológico” que pretende mostrar que o que não existe é produzido intencionalmente como não existente, ou seja, como ausente, tendo como proposta a “substituição da monocultura dos saberes por uma ecologia dos saberes”, em que o saber científico vai dialogar mais amplamente com o saber laico, o saber popular, entre outros saberes de populações que se encontram afastadas dos centros de produção de conhecimento. Entretanto, para que essa heterogeneidade de experiências, movimentos e realidades se tornem possíveis, é necessário um procedimento de tradução entre elas, através de um processo que permita a aproximação intercultural, intersocial e interdisciplinar e que tenha, ao mesmo tempo, a capacidade de traduzir a diversidade de saberes, de práticas e de sujeitos em algo que seja comum a eles, ou seja, de traduzi-los em outras singularidades ou em singularidades recíprocas.

Nessa perspectiva epistemológica e metodológica, a extensão seria uma forma de “abrir-se ao outro”, com um sentido de democratização da universidade, que está muito além da democratização do acesso e da permanência nela. A extensão sendo compreendida como um caminho teórico-prático que busca a promoção do diálogo entre o saber científico ou humanístico que a universidade produz e a diversidade de saberes que nascem na sociedade, distanciando-se, portanto, da ideia da prestação de serviços e da aplicação técnica a setores estratégicos da sociedade.

Considerações Finais

No desafio de compreender a extensão universitária como diálogo de saberes, tomei como ponto de partida a reflexão crítica sobre a minha própria prática profissional, como professora e como extensionista, assim como o desejo de contribuir teórico-metodologicamente para o enriquecimento da extensão universitária e, conseqüentemente, da função social da universidade atual. Partindo do princípio que “todo o conhecimento é uma prática social”, e, portanto, produzido na experiência vivida, no real, destaco a máxima de Boaventura de Sousa Santos, que nos lembra incessantemente que para uma teoria cega, a prática social é invisível; e para uma prática cega, a teoria social é irrelevante. Em tempos de mudanças, em que as tensões e contradições nos inquietam e desassossegam, mais do que nunca é preciso que possamos construir subsídios teórico-metodológicos mais amplos que nos ajudem a compreender as concepções e práticas de extensão universitária. Acredito que a perspectiva do encontro dos saberes, mesmo não sendo um tema novo, tem muito a nos dizer sobre o que pensamos e tentamos fazer no campo da extensão universitária, contribuindo para a construção de um modelo de educação mais democratizante e emancipatório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ e SILVA, Teresa. Instituições de ensino superior e investigação em ciências sociais. In: CRUZ e SILVA, Teresa, ARAÚJO, Manuel. G. M; CARDOSO, Carlos. (Org.), **Lusofonia em África: história, democracia e a interrogação africana**. Dakar: Codesria, 2005. P. 33-44.

FARIA, Dóris Santos de (Org.). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: UNB, 2001.

MENESES, Maria Paula G. A questão da Universidade Pública em Moçambique e o desafio da abertura à pluralidade de saberes. In: Teresa, ARAÚJO, Manuel. G. M; CARDOSO, Carlos. (Org.), **Lusofonia em África: história, democracia e a interrogação africana**. Dakar: Codesria, 2005. P. 45-66.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Una epistemología del Sur**. México: Siglo XXI: CLACSO, 2009.

_____. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. **Revista de Ciências Sociais Aplicadas**, Coimbra, n. 80, p. 11- 43, mar. 2008.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **Revista de Ciências Sociais Aplicadas**, Coimbra, n. 78, p. 3-46, out. 2007.

_____. **Renovar la teoría crítica y reinventar la emancipación social** (Encuentros en Buenos Aires). Buenos Aires: CLACSO, 2006.

_____. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista de Ciências Sociais Aplicadas**, Coimbra, n. 63, p. 237-280, out. 2002.

_____. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Da ideia de universidade à universidade de ideias. **Revista de Ciências Sociais Aplicadas**, Coimbra, n. 27/28, p. 11-62, jun. 1989.

SANTOS, Boaventura de Souza; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A universidade no século XXI**: para uma universidade nova. Coimbra: Almedina/CES, 2008.

SILVA, Enio Waldir da. **Extensão universitária no Rio Grande do Sul**: concepções e práticas. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 330f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.